

EDUCAR NA LIBERDADE

Ana Paula de Araújo Zanett
anapaulaa096@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8387951597050157>

RESUMO

Educar é uma atividade do dia a dia, entretanto pode-se escolher entre educar para a liberdade ou educar com autoridade, no presente artigo pode-se ver a liberdade como meio de alcançar uma educação próspera. O educador não exerce apenas a função de ir à sala de aula e passar o conteúdo para os alunos, mas interage com eles por meio da alteridade. Entre outros aspectos a melhor utilização da educação promove o desenvolvimento, crescimento e sucesso do aprendiz para o convívio em sociedade. E também a contribuição da psicanálise por ser uma teoria que privilegia a escuta da palavra e da relação do sujeito com o saber, tendo em comum com a educação a preocupação da pessoa na sua singularidade, uma vez que provoca investimentos e emoções que permitem análises.

Palavras-chave: Educar. Liberdade. Educador. Aluno. Alteridade. Psicanálise.

O ATO DE EDUCAR

A origem da palavra educar vem do latim educare, por sua vez ligado a educere, verbo composto do prefixo ex (fora) + ducere (conduzir, levar), e significa literalmente 'conduzir para fora', ou seja, preparar o indivíduo para o mundo. No âmbito escolar o professor tem esse papel de transmitir conhecimento, de levar o ensinamento para o aluno promovendo a educação.

Já liberdade é classificada pela filosofia, como a independência do ser humano, o poder de ter autonomia e espontaneidade. Para Rousseau “ninguém pode dispor da liberdade de outro, nem mesmo nós podemos dispor livremente da nossa, uma vez que renunciar a ela seria o mesmo que renunciar à condição de homem” (STRECK, 2008, p.26-27).

Educar envolve uma relação muito íntima do educador com seu educando, primeiramente o educador tem que ter prazer no que está fazendo, ou seja, deve haver amor em suas ações e tal disponibilidade para experimentar e conhecer o mundo em sua volta, pois também é um eterno aprendiz e é claro ele deve desejar o seu aluno, pois ao contrário ele não existe.

Em Rousseau:

O mestre não é mestre porque sabe e ensina, mas porque sabe aprender e com isso ensina. Seu ensino consiste, sobretudo, em propor as questões certas aos educandos e colocar ao seu alcance os meios para aprender. Para isso, faz necessária, além do desejo de aprender, a capacidade de se colocar no lugar da criança, de penetrar as suas ideias e de sentir a sua alma. Mestre é quem sabe colocar-se junto com o movimento da vida que aprende, porque gostar de aprender e gostar de viver andam abraçados. (STRECK, 2008, p. 72).

O professor deve deixar a criança desenvolver-se no seu tempo, se possível colocar-se no lugar dela e para tal o professor deverá utilizar da alteridade. A noção de alteridade recebeu vieses distintos, inclusive quanto ao seu significado. A alteridade para a filosofia vem: “*do latim alteritas. Ser outro, colocar-se ou constitui-se como outro*”. (ABBAGNANO, 1998, p.34-35 apud FURTADO, 2012).

Colocar-se no lugar do outro é de suma importância para o educador, pois partindo do ponto de vista do próprio aluno criasse mecanismos que ampliam a visão do professor em relação ao aluno. Partindo da alteridade compreendem-se as questões alheias e tem-se a base fundamental para o desenvolvimento de uma educação na liberdade.

Quando a educação é autoritária e sua estrutura rigidamente hierarquizada revela-se de subjacente o desejo de eliminar a alteridade presente no próprio eu, os erros são encarados como fracassos e as tentativas meras formas de reproduzir fielmente um padrão apresentado. A educação torna-se um cabresto limitador da visão do próprio aluno, e os laços de afetividade entre aluno e professor se limitam a meras formalidades; sobre tudo na sociedade globalizada onde tudo é descartável, incluindo os seres humanos.

Para Rousseau:

A educação, por isso, é um processo aberto. Conhecemos o ponto de partida de cada um, mas não sabemos o ponto de chegada. Este depende dos talentos, das oportunidades, do zelo e de outros fatores que favorecem ou obstaculizam o desenvolvimento. (STRECK, 2008, p. 24).

Educar tornou-se um mero ofício de produção de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho cada vez mais exigente e excludente, onde a humanidade do trabalhador é deixada de lado e apenas a sua capacitação profissional o caracteriza. É claro que a educação deve formar profissionais, mas educar não se restringe a apenas isso.

Segundo Rousseau “A própria criança é colocada como critério e como medida do aprender. Os conhecimentos acumulados e o educador estão aí em função de um ser em crescimento e não de um programa a ser vendido”. (STRECK, 2008, p. 23)

Uma boa educação não precisa estar atrelada a uma ideologia dominante ou em bases revolucionárias. Quando a educação se torna uma mera reprodutora de ideologias ela perde seu real valor.

O real valor da educação é formar cidadãos conscientes de seus deveres e direitos para com a sociedade e sobre tudo formar um ser humano crítico e reflexivo sobre o mundo ao seu redor. “A educação dos homens é, no fim, aquela que faz de cada homem um cidadão. Estamos diante do grande dilema de Rousseau: formar um homem ou um cidadão”. (STRECK, 2008, p. 30)

Educar na liberdade é de suma importância para esses processos de aprendizagem, usar a liberdade na educação é indicar o caminho a ser seguido, é mostrar na prática que aquele é de fato o melhor caminho. Assim como na crença cristão na qual Deus dá ao ser humano o direito do livre arbítrio, ou seja, escolher entre o bem e o mal assim é a educação para conosco apresentada pelo professor. Uma serie de caminhos a serem tomados, uns bons, outros nem tanto.

A dádiva de aprender com os erros é uma característica da educação pautada na liberdade e não apenas essa, o aluno não é tratado como mero ouvinte e a sua avaliação não consiste em reproduzir fielmente aquela matéria que lhe foi ministrada na sala de aula.

O aluno deve ser plenamente participativo no processo de aprendizagem, tanto o professor quanto o aluno interagem, o docente não é um mero explanador de ideias, o que de fato ocorre na sala de aula é um “intercâmbio” de ideias e ensinamentos. O professor enquanto autoridade hierárquica existe, mas ele já não é visto como aplicador do rigoroso sistema educacional das escolas, como no tempo da ditadura militar, ele se torna um moderador e pontífice entre os alunos e o conhecimento por ele passado.

Uma avaliação não pode ser apenas uma forma de saber se o aluno está ou não conseguindo reproduzir o que aprendeu da forma como aprendeu, em outras palavras a avaliação não pode pedir para o aluno reproduzir o que lhe foi ensinado tal como um espelho que reflete fielmente um objeto a sua frente.

Avaliações devem fomentar nos alunos reflexões à sociedade que o cerca, uma boa avaliação não deve medir apenas o quanto o aluno domina daquele assunto, mas, sobretudo avaliar como o aluno compreendeu o assunto e quais as dificuldades que o mesmo encontrou na matéria.

A alteridade é de suma importância no processo avaliativo, pois auxiliado nela aquele quem ensina diagnóstica e compreende melhor a situação do aluno e suas dificuldades ante a matéria.

Educar na liberdade é como ensinar o bebê a andar, vão existir as possibilidades de quedas, arranhões e machucados e ainda várias tentativas frustradas, mas o bebê precisa errar e entender que o erro não é um fracasso absoluto, mas o prenúncio do sucesso. Pode-se errar, mas não se pode viver no erro.

A educação é a chave de um mundo melhor e a liberdade é o direito que se usa para alcançar-se essa possibilidade. Nada que é forçado produz bons frutos por isso dentro de cada ser humano existe o desejo do conhecimento, e saber por que as coisas acontecem e cabe ao educador alimentar e usar esse desejo fincado no âmago de cada ser humano.

UMA VISÃO PSICANALISTA

Ao notar que os fenômenos da sala de aula são mais técnicos do que humano, é necessário menos ênfase no método e mais preocupação com a pessoa, abrindo caminho para uma vivência humanizadora, da compreensão do outro, da busca de boas relações do indivíduo consigo mesmo e com os que o cercam. Streck (2008, p. 23) diz “Para Rousseau, mais importante do que analisar e detalhar as “matérias” a serem ensinadas é observar e estudar a criança”.

Para Freud, a personalidade humana é composta por três grandes sistemas: Id, Ego e Superego. O id foi concebido como um conjunto de conteúdos de natureza pulsional (instintos, impulsos orgânicos e desejos) e de ordem inconsciente, são impulsos inatos, constituindo o polo psicobiológico da personalidade, é considerado a reserva inconsciente dos desejos e impulsos de origem genética, voltados para a preservação e propagação da vida.

O ego se desenvolve a partir da diferenciação das capacidades psíquicas em contato com a realidade exterior. O ego lida com a estimulação que vem tanto da própria mente como do mundo exterior. Desempenha a função de obter controle sobre as exigências das pulsões, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias mais favoráveis ou reprimindo parcial ou inteiramente as excitações pulsionais. Assim, o ego atua como mediador entre o id e o mundo exterior, tendo que lidar também com o superego, com as memórias de todo tipo e com as necessidades físicas do corpo.

O superego desenvolve-se a partir do ego e atua como um juiz ou um censor relativamente ao ego. Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego, Classicamente, o superego constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais, ele estabelece a censura dos impulsos que a sociedade e a cultura proíbem ao id, impedindo o indivíduo de satisfazer plenamente seus instintos e desejos.

A Psicanálise contribui para a Educação com uma teoria do desenvolvimento humano e o conhecimento do funcionamento do aparelho psíquico. Dessa forma foi

explorado o que a psicanálise de Freud tem a oferecer à educação. Para a Psicanálise o conhecimento está sempre permeado pelo desejo. O desejo daquele que ensina e daquele que aprende.

Para Rousseau a prática pedagógica é permeada por desejos e necessidades:

Há necessidades e limites da natureza ou da sociedade que banalizam o processo formativo. Ao mesmo tempo, este não tem um fim fixo: nem fim como meta única e nem fim como término, os saberes da teoria pedagógica, portanto, situam-se entre o que pode e deve ser conhecido, porque faz parte das ciências, e o que se projeta a partir das necessidades e dos desejos. (STRECK, 2008, p.73)

Na escola, o desejo de saber do aluno se confronta com o desejo do professor, que está ligado a um ideal pedagógico colocado por ele mesmo, desde o início, e que se interdita ao mesmo tempo em que se mostra ao aluno. O professor espera do aluno um saber que lhe falta, e o aluno, por sua vez, se defende com medo de se ver frustrado no produto do seu trabalho. O aluno se encontra numa relação de poder, sujeito a um desejo inconsciente do professor, que pode chegar a ser bloqueador.

Para Mauco (1979), o educador age sobre a criança muito mais no nível do inconsciente do que do consciente. Ele não age apenas pelo que diz ou pelo que faz, mas sim pelo que é. As relações afetivas acontecem de formas variadas. Cada um procura satisfazer seus desejos inconscientes. Porém, a criança, por ser mais fraca psiquicamente, com um *eu* que deve se construir à imagem dos adultos em sua volta é particularmente atingida pelos desejos inconscientes de seus educadores. (MAUCO apud PEDROZA, 2010).

É necessário também que tenha uma educação afetiva que lhe permita desenvolver uma sensibilidade relacional com os outros, podendo se servir de suas capacidades físicas e intelectuais. A escola é um meio de grande importância para o desenvolvimento das relações afetivas da criança com os adultos e com as outras crianças da mesma idade.

A psicanálise pode ajudar o educador, a oferecer à criança oportunidade de verbalizar suas tensões, permitindo a possibilidade de uma compreensão em profundidade do sujeito, no que ele tem de mais pessoal e de mais íntimo. Para tal, é necessário que a escola não mantenha os alunos numa relação de submissão passiva à

autoridade do professor. Este deve lembrar que as dificuldades encontradas pelo aluno, na escola, podem ser de origem afetiva. A relação professor-aluno depende, em grande medida, da maturidade afetiva do professor. Se esta lhe permite resolver suas próprias dificuldades, ele poderá ajudar a criança a viver e a resolver as suas.

É numa relação de diálogo e de escuta que a educação será uma relação de respeito à pessoa da criança. Respeito e compreensão ao seu comportamento e às etapas de seu desenvolvimento psíquico e afetivo.

Contudo a formação clínica do professor se faz necessário para a orientação psicanalítica das práticas pedagógicas. Ser professor é ser agente do processo de construção do conhecimento que leva à formação de sua personalidade e a dos alunos envolvidos nessa relação. Tal formação exige um compromisso constante de pensar as práticas educativas para que sejam formativas dos sujeitos, com o objetivo de remeter-lhes a um constante questionamento sobre sua prática pedagógica e sua relação com o educando.

CONCLUSÃO

Nota-se o trabalho em conjunto da alteridade e liberdade no processo de educação que visa formar não só pessoas qualificadas para o mercado de trabalho, mas também reflexivas e entendedoras do mundo ao seu redor.

O educador além de ser a ponte de conhecimento para o aluno é um eterno aprendiz e dispõem da liberdade em seu processo de educação, facilitando que os alunos pensem por si só, desta forma formando um cidadão pensante. Utilizando-se também da alteridade nesse processo, a fim de colocar-se no lugar do aprendiz e contemplar as diversidades e as diferenças presentes em sala de aula.

E com uma reflexão psicanalista aplicada ao domínio pedagógico que permitiu reconhecer a enorme diversidade de fatores envolvidos na aprendizagem. Analisando também a importância da psicanálise para a educação, para a produção e a transmissão de conhecimento, na relação professor-aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDUCAR. In: Dicionário Etimológico: origem das palavras. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>>. Acesso em: 04 set. 2014.

FURTADO, Júlio. Docência e Alteridade. **Congresso de educação básica: aprendizagem e currículo**, 2012.

LIMA, Andréa. **O modelo estrutural de Freud e o cérebro**: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia, Minas Gerais, 2009.

PEDROZA, Regina. Psicologia da Educação. **Psicanálise e educação**: análise das práticas pedagógicas e formação do professor, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752010000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 Dez. 2014.

Significado de Liberdade. In: Significados.com.br. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/liberdade/>>. Acesso em: 04 Set. 2014.

STRECK, Danilo. **Rousseau & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOBRE A AUTORA:

Atualmente, está cursando o terceiro ano em Licenciatura Plena em Letras Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).